

# qui lombos bos editoriais



*Fabiane Cristine Rodrigues\**

## Resumo

Este artigo dedica-se a apresentar um panorama daquilo que denomino “quilombos editoriais”, ou seja, as redes editoriais criadas e mantidas por autores negros como forma de resistir aos filtros editoriais estabelecidos pelas demais editoras e garantir a circulação de obras e autores negros, com discursos afrocentrados e temas pertinentes à totalidade de sua vivência enquanto indivíduos.

## Palavras-chave

redes editoriais; literatura afro-brasileira; edição

\* Bacharela em Letras – Tecnologias de Edição pelo CEFET-MG. E-mail: fabby-ane@hotmail.com. Artigo recebido em 18/11/2016 e aprovado para publicação em 05/04/2017.

## Abstract

This article presents an overview of what we call “editorial quilombos”, that is, editorial networks created and maintained by Black authors as a way to resist the editorial filters established by other publishing houses and to ensure the circulation of their works, which present black-centered discourse on topics that are relevant to the totality of their experience as individuals.

## Keywords

editorial networks; Afro-Brazilian literature; editing

A palavra “quilombo” tem suas origens no termo banto “kilombo”, significando acampamento ou fortaleza. Contudo, como destaca Leite (2016), não se restringe apenas a este sentido, estando associada também à ideia de acampamento guerreiro e, em Angola, à divisão administrativa. Os quilombos brasileiros foram estruturados de forma a “reconstituir” os quilombos africanos, em uma tentativa de unificar diferentes linhagens e reagir à situação opressiva, como destaca Munanga,

Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano, reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. (MUNANGA, 1996, p. 60)

Dessa forma, seu uso efetivo, desde o período colonial brasileiro, está associado não apenas a um mero acampamento ou reunião de indivíduos escravizados que conseguiram fugir, mas à organização política negra de resistência, por meio da oposição ao sistema escravista em vigor. Os quilombos são, portanto, algumas das primeiras organizações, no Brasil, em que negros oprimidos se reuniram política, administrativa e militarmente para combater a escravidão, além de resgatarem e manterem as

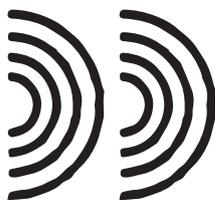
manifestações culturais que trouxeram de seus locais de origem, sejam elas expressas de modo linguístico, religioso ou mesmo nos hábitos cotidianos.

O ato de resgate ou manutenção de uma cultura, ou suas manifestações culturais, está intimamente associado, neste contexto, com a resistência e persistência no tempo, diante do apagamento que se faz da memória e do legado afrodescendente. Enquanto na África a tradição oral prevalecia, não havendo a obrigatoriedade de se manter uma memória escrita para garantir a transmissão e a perpetuação dos valores culturais daquelas comunidades, no ambiente diaspórico o negro se viu diante da necessidade de estabelecer uma memória registrada de forma escrita, pois a sociedade brasileira valia-se de instrumentos eurocêntricos para transmitir e perpetuar valores. Dessa forma,

Apropriar-se de sua história e de sua cultura, reescrevê-la segundo a sua vivência, numa linguagem que possa ser libertadora, é o grande desafio para o escritor afro-brasileiro. Ele escreve, se comunica, através de um sistema que veio aprisioná-lo também, enquanto código representativo de uma realização linguística da cultura hegemônica. (EVARISTO, 2010, p. 136-137)

Assim sendo, a ideia de quilombo funciona como forma de resistência à colonização daqueles indivíduos, no momento em que rompem com o opressor e se dedicam à reapropriação do território ocupado, principiando a subversão dos elementos pensados para mantê-los ainda mais à margem daquela sociedade “letrada”, ou seja, o idioma, ferramenta de colonização do outro, e a tradição escrita, instrumento utilizado para subverter a temporalidade.

Pensando na escrita como forma de se reapropriar de instrumentos e ferramentas usadas para garantir a presença e permanência da comunidade negra em um lugar de subalternidade, este conceito de quilombo enquanto forma de resistência negra pode ser





relacionado à produção literária, aos processos editoriais e à construção de redes editoriais negras.

Todo este processo de reapropriação e ressignificação de elementos não se dá, vale ressaltar, de forma inconsciente. É necessário que o autor negro entenda seu papel e a importância daquilo que se dedica a fazer, como descreve Jacino (1986):

Por isso sou um político. Político no sentido de estar engajado, por ter feito uma opção de classe, além de ter feito uma opção de raça (pois não basta ser negro; é necessário também se entender enquanto negro, ter uma visão de mundo de negro). (JACINO, 1986, p. 55)

Cabe destacar, também, o que aqui é denominado como literatura afro-brasileira, uma vez que, a partir da fala do autor citado, é possível perceber não se tratar de algo inato, mas de um posicionamento adotado. Duarte (2015) destaca aspectos que diferenciam a literatura afro-brasileira daquela simplesmente produzida por afro-brasileiros ou daquela que apenas trata do tema afro-brasilidade, sendo estes: a temática, ou seja, tratar o negro como tema central, não como mero objeto ou acessório, mas com todo o universo que o cerca e o caracteriza como indivíduo; a autoria, no sentido de que a escrita seja produto de um autor afro-brasileiro; o ponto de vista, que, dialogando com o segundo aspecto destacado, não basta apenas que o produtor do texto seja negro ou afrodescendente, ele deve se afirmar e posicionar como e enquanto negro, compreendendo aspectos históricos e culturais comuns a esse segmento étnico; a linguagem, associada ao uso de traços sonoros e rítmicos característicos da prática linguística africana; e, por fim, a formação de um público leitor afrodescendente, ou seja, o diálogo com o leitor por meio de seu texto, que deve ser acessível à população afrodescendente e não pode se limitar à linguagem panfletária.

Deste modo, a circulação e até mesmo a produção afroliterária está associada à criação e à manutenção de um público leitor negro. Para garantir a circulação de seu

discurso, avesso ao discurso etnocêntrico, os produtores literários afro-brasileiros tiveram que criar suas próprias redes editoriais, englobando aspectos que vão desde a produção até a crítica daquela literatura, uma vez que a indústria cultural vigente não se mostrava receptiva a tais produções. Durante o I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros, realizado em São Paulo, nos dias 6, 7 e 8 de setembro de 1985, do qual participaram autores, editores e críticos da literatura afro-brasileira, diversos aspectos referentes ao funcionamento destas redes editoriais foram levantados, conforme é possível perceber pela introdução da publicação do encontro:

É de 1983/84 a ideia de realização de um encontro de escritores Negros de âmbito nacional. Era necessidade de se fazer uma avaliação profunda da *Produção Literária Negra* recente e seu redimensionamento com a produção do passado [...] Pretendia-se também a revisão crítica do caráter etnocêntrico da indústria cultural traduzida em “bloqueio editorial” ou em solidariedade “negrófila”. Outro objetivo era o de situar essa mesma produção dentro dos espaços explosivos dos movimentos políticos Negros de hoje no Brasil. (XAVIER; CUTI; ALVES, 1986, p.05.)

A partir da afirmação de Duarte (2015) – “literatura é discursividade e a cor da pele ganhará importância enquanto tradução textual de uma história coletiva e/ou individual” –, é possível compreender o “bloqueio editorial” baseado no “caráter etnocêntrico da indústria cultural”, no sentido empregado, ao qual o trecho acima faz referência, não sendo imposto apenas à figura do autor enquanto indivíduo, mas à “tradução textual” de uma comunidade.

Ainda nesse primeiro Encontro, Maya-Maya ressalta a importância de um posicionamento político por parte dos escritores negros:

Insistindo na tese da importância da participação política do escritor afro-brasileiro, ponderamos

que é da nossa responsabilidade, juntamente com intelectuais de outras áreas, a elaboração de uma ideologia que servirá como veículo de Ruptura dessa criminosa situação em que vivemos, nos mantendo excluídos. (MAYA-MAYA, 1986, p. 111)

Assim como nos quilombos, o próprio ato de se reunir para traçar uma ideologia afrocentrada, em oposição ao sistema etnocêntrico que mantém o afro-brasileiro à margem, rompe com o lugar social imposto ao negro, dando a ele voz. Maya-Maya destaca, ainda, que há:

algumas vantagens com uma ampla circulação da nossa produção literária: influiremos terminantemente na elaboração da personalidade do jovem afro-brasileiro, erradicando os estereótipos negativos que nos estigmatizam; estimularemos, através da mensagem literária, uma maior aglutinação do nosso povo, dando-lhe uma feição real de comunidade; coibiremos o oportunismo de alguns notórios elementos que projetam suas conquistas pessoais em nome da comunidade. (MAYA-MAYA, 1986, p. 111)

Em outras palavras, estabelecer uma organização para se opor ao discurso dominante é um grande passo para a construção de uma comunidade, ou mesmo de uma rede de sociabilidade, no sentido de criação e integração de um grupo que partilha valores culturais e estéticos. É importante ressaltar que estes valores culturais e estéticos não são os mesmos que vigoram no sistema dominante, nem os reforçam, mas são criados e mantidos dentro da perspectiva e experiência do oprimido, rompendo com “os estereótipos que o estigmatizam” no momento em que repensa seus valores estéticos e culturais a partir dos produtores e do público negro.

A criação e a manutenção de uma comunidade negra, principalmente na perspectiva editorial, ao longo da história do Brasil, não foi bem aceita ou incentivada, voltando sempre para o ideal de luta e resistência, como expressa Silveira:

No meu entender e no meu desejo, a comunidade negra, em seus diversos setores, deve criar uma vida própria, solidária, autônoma, expressa numa organização comunitária com base em grupos, entidades, instituições negras (familiares, culturais, políticas, comerciais etc.). Os escritores negros devem cuidar do seu setor, preservando e ampliando o espaço conquistado, essa modesta área sob ocupação, essa pequena zona libertada. (SILVEIRA, 1986, p. 88)

Sendo assim, é papel do escritor negro cuidar de seu setor, preservá-lo e ampliá-lo, como forma de garantir que haja e se mantenha esta zona libertada do discurso etnocêntrico, dos valores eurocêntricos e de outros que aprisionam as produções artísticas e culturais afro-brasileiras dentro de limites que não as representam. O ato de autopublicação já aponta para o gesto de publicação como resistência – quilombola – em relação à pouca inserção do negro no campo editorial nacional. Para Silveira:

Nós escritores devemos aproveitar esses espaços eventuais no estrito limite das conveniências, sem correr o risco de enfraquecer os laços que conseguimos amarrar com o público negro e entre nós próprios escritores. Vamos criar uma editora, se possível. Vamos reforçar nossas conquistas, por mínimas que sejam. Aí é que está o caminho da organização e da autonomia. (SILVEIRA, 1986, p. 88)

Fortalecer os laços entre o público leitor negro e os escritores, além de aproveitar, com cautela, os espaços eventuais oferecidos aos autores negros é um importante passo para garantir a manutenção da autonomia conquistada a duras penas pelo autor afro-brasileiro. Contudo, a criação de uma editora, ou algumas pequenas editoras trabalhando conjuntamente no sentido de garantir esta autonomia autoral do produtor literário afro-brasileiro seria uma forma eficaz para consolidar e dar

visibilidade às produções literárias afro-brasileiras, pois para publicar, o autor negro deve também construir, em grande medida, seus canais editoriais:

a possibilidade da perspectiva negro-brasileira na literatura tinha, assim, seu limite na recepção. Como um dado da realidade, a recepção que se estabelecia impunha, previamente, seu código de aceitabilidade. [...] Ameaçar a predominante concepção de hierarquia das raças seria uma ousadia não admissível. (CUTI, 2010, p. 27-28)

Apesar de a afirmação de Cuti fazer referência aos processos de produção e circulação literária do século XIX, o mercado editorial não sofreu mudanças profundas no que se refere à aceitabilidade de um discurso que afronte a hierarquia discursiva enraizada. A veiculação de um discurso afrocentrado dificilmente passará pelo filtro ideológico do mercado editorial brasileiro, o que praticamente obriga os autores negros a se organizarem em coletivos editoriais que fomentem seus ideais.

### Meios de publicação

Os quilombos editoriais negros, no sentido trazido neste artigo, se articulam através de diversos meios, destacando-se os jornais negros paulistas do início da década de 1910, as atividades desempenhadas pela Frente Negra Brasileira na década de 1930, o Teatro Experimental do Negro nos anos 1940 e as produções do Movimento Negro Unificado, desde sua formação<sup>3</sup>, além de demais produções literárias em antologias e publicações individuais em gêneros como romance, poesia, conto e teatro.

Pensando especificamente nos meios de publicação, uma das primeiras formas de articulação foi a imprensa negra, composta tanto por jornais quanto por revistas, trazendo tanto conteúdos jornalísticos quanto literários, que eram produzidos por negros, tratando sobre

os temas atinentes a este grupo e destinado ao público negro. Estas produções possuíam maior alcance dado o formato que facilitava a sua circulação e permitia que as informações fossem divulgadas a um maior número de indivíduos. É importante destacar “a atuação de um razoável número de negros letrados capazes de, em diferentes momentos do século XIX, gerar e absorver as ideias emitidas naqueles jornais, bem como disseminá-las entre os pares iletrados” (PINTO, 2010, p. 20).

Uma vez que, assim como a escrita, a leitura também se constituía um privilégio, além de fazer o texto circular de forma material, era necessário que as ideias também circulassem entre o maior público possível. Essa atuação demonstra a criação de uma rede de sociabilidade que atuava de modo a garantir o enfrentamento ao racismo através da exposição de ideias e unificação entre aqueles que estavam em condição de subalternidade.

A criação desses espaços, assinados por “homens de cor”, além de abrir caminhos para que novos discursos ecoassem, permitia, de certa forma, a inserção do negro na sociedade intelectual da época, possibilitando que importantes autores se estabelecessem nestes meios de comunicação para, então, serem publicados por algumas das casas editoriais existentes.

Mais do que colaborar para a criação de um espaço de publicação e inserção do negro na sociedade intelectual, autores como Antônio Rebouças, Maria Firmina dos Reis, Francisco de Paula Brito, que também atuou como editor e foi um dos precursores da imprensa negra, e Machado de Assis serviram como referência na criação de uma tradição de autores negros e da própria literatura afro-brasileira.

Posteriormente, ao longo do século XX, surgem as chamadas “editoras de nicho”, como Grupo Editorial Rainha Ginga, Mazza Edições, Nandyala, Quilombhoje e Oguns Toques Negros e Ciclo Contínuo Editorial, compostas e organizadas com a finalidade de discutir, produzir e fazer circular obras pautadas em uma estética



literária afro-brasileira, resistindo à configuração etnocêntrica que compõe o mercado editorial brasileiro.



Atualmente, há, ainda, o que podemos denominar como “cyberquilombos”, ambientes virtuais criados para discutir e visibilizar produções culturais afro-brasileiras, como *blogs* e *vlogs*, alguns voltados para as produções literárias, mas não se restringindo a esta forma de manifestação cultural. Este artigo, contudo, não tem o intuito de se deter em uma apresentação mais pormenorizada destes meios de produção, pois, apesar de contribuírem de forma ampla para a resistência e divulgação das redes de sociabilidade afro-brasileiras e seus produtos, não constituem o tema específico deste trabalho, que pretende apenas traçar o panorama dessas redes editoriais.



### Antologias

Apesar de não ser o foco deste trabalho analisar, especificamente, as antologias de contos, ensaios e poesias afro-brasileiros, esses produtos editoriais foram e ainda são de extrema importância para a difusão da escrita de diversos autores negros. Em geral, trata-se de publicações agrupadas por gênero textual, periódicas ou não, que reúnem textos de variados autores que têm em comum a produção de literatura afro-brasileira, e, além de facilitar o acesso do público leitor ao trabalho de um grande número de autores, também contribui para o ingresso ou permanência de autores no meio editorial.

Entre as antologias literárias afro-brasileiras dedicadas à crítica literária e ensaística, é possível destacar as obras *Reflexões sobre literatura afro-brasileira*, organizada pelo Grupo Quilombhoje e editada pelo Conselho de participação e desenvolvimento da comunidade negra, em 1985; *Criação Crioula: nu elefante branco*, organizada por Arnaldo Xavier, Miriam Alves e Cuti e editada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (IMESP), em 1986; *O negro escrito: apontamentos da presença do negro na literatura brasileira*, organizado por Oswaldo de Camargo e editado

pela Secretaria de Estado da Cultura, em 1987; *Poéticas afro-brasileiras*, por Maria do Carmo Lanna Figueiredo e Maria Nazareth Fonseca, editado pela Mazza, em 2002; e *Brasil afro-brasileiro*, organizado por Maria Nazareth Fonseca e editado pela Autêntica, em 2007. Nestas antologias, é necessário ressaltar a finalidade de se produzir estudos críticos sobre as produções literárias, uma vez que estes materiais são importantes para “validar”, discutir e reafirmar os valores estéticos de tais produções, fortalecendo o conceito de literatura afro-brasileira como linhagem literária, com suas produções e respectivos estudos.

Dentre as antologias literárias afro-brasileiras, podemos destacar as obras: *Cadernos Negros*, organizada pelo Grupo Quilombhoje, produzida anualmente desde 1978, alternando entre edições de poesia e conto; *A razão da chama*: antologia de poetas negros brasileiros, reunião de poesias organizada por Oswaldo de Camargo e editada pela GRD, em 1986; *Poesia negra brasileira*: antologia, organizada por Zilá Bernd e editada pela Age, em 1992; *Terra de palavras*, antologia de contos organizada por Fernanda Felisberto e editada pela Pallas, em 2004; *Ogum's toques negros: Literatura negra – coletânea poética*, antologia poética organizada por Guellwar Adún e publicada pela Ogum's Toques Negros, em 2014, obras fundamentais para dar visibilidade aos produtores de literatura afro-brasileira e sua escrita, além de auxiliar a mapear o cenário editorial desta vertente literária.

A publicação de antologias ocorre, muitas vezes, como fruto da ação de coletivos negros que enfatizam o sentido de literatura como forma de resistência e afirmação, gerando espaço no meio editorial para que o discurso afrocentrado circule, funcionando como elo entre produtor e público. Como exemplo, podemos citar o coletivo Ogum's Toques Negros, trabalho contemporâneo e produzido com o objetivo de promover discussões entre autores e leitores afro-brasileiros, além de dar visibilidade a estes trabalhos literários, e o coletivo Quilombhoje, responsável pela organização das antologias de *Cadernos Negros*, que será tratada no tópico a seguir. A atuação desses coletivos e publicações de tais

antologias reforçam o que Evaristo (2010, p.139) expressa na frase “O corpo esteve escravo, mas houve e sempre há a esperança de quilombo”, pois, a despeito das barreiras impostas pelo mercado editorial, a organização negra, em prol do direito de falar e ser ouvido, ou escrever e ser lido, persiste e segue como forma de resistência.

### **Cadernos Negros**

A série *Cadernos Negros* surgiu em 1978, idealizada por Luis Silva (Cuti), Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Abelardo Rodrigues, escritores afro-brasileiros que compuseram, com o autor argentino Mário Jorge Lescano, a primeira formação do Grupo Quilombhoje. O primeiro volume foi impresso em tipografia, no formato de livro de bolso, contendo 52 páginas e trazendo poemas de Henrique Cunha Júnior (Cunha), Ângela Galvão, Eduardo de Oliveira, Hugo Ferreira, Célia Aparecida Pereira (Celinha), Jamu Minka, Oswaldo de Camargo e Luis Silva (Cuti), militantes em entidades ou grupos do Movimento Negro brasileiro. O lançamento deste volume deu-se em novembro de 1978, durante o I Feconezu – Festival Comunitário Negro Zumbi, na cidade de Araraquara (SP). No final do primeiro volume, destinado à poesia, foi anunciado o “Próximo lançamento *Cadernos Negros* 2 - Contos”<sup>2</sup>, expressando o desejo de produzir uma série de antologias, alternando entre poesia e conto.

Toda a produção dos primeiros volumes da série foi realizada de forma cooperativa, desde os custos de edição até as demais etapas de produção de um livro, como revisão, diagramação, elaboração de um projeto gráfico, entre outras, e as publicações ocorrem de forma ininterrupta, até o ano corrente, anualmente, alternando edições com antologias de poesias e contos. Contudo, além de seu valor puramente literário e estético, a série *Cadernos Negros* pode ser enxergada como um efetivo símbolo da organização, resistência e afirmação negra no âmbito literário, retornando à ideia de quilombo editorial tratada neste artigo e expressa na identidade do coletivo – Quilombhoje –, uma vez

que sobrevive, circula e é alvo de diversos estudos acadêmicos, mesmo situando-se às margens do mercado editorial, ao menos em seu sentido comercial. Antônio ressalta a importância social dos *Cadernos Negros*,



A produção da série é peça fundamental da tríade constituída, na sua base, pelo Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial – MNUCDR – 1978 que, até 1982, foi uma Frente de Organizações Negras e o principal veículo nacional de conscientização antirracismo e o Festival Comunitário Negro Zumbi – FECONEZU – 1978 que, na tríade, sintetizava as principais intervenções do Movimento Negro de Expressão Cultural. (ANTÔNIO, 2005, p. 15)

Ou seja, o discurso literário trazido pelos *Cadernos* é somado às demais intervenções sociais que lutavam pela igualdade racial, em um viés cultural, resgatando o direito à voz, a dizer e ser ouvido, da população negra brasileira, buscando o enegrecimento da identidade brasileira, em oposição ao constante branqueamento.



O branqueamento ideológico versus o enegrecimento físico marca o centro das reações dos escritores protagonistas dos *Cadernos*. Essa percepção possibilita um salto: os movimentos negros inaugurados na década de 70, diferentemente dos movimentos surgidos nas décadas de 30 e 40, descartam a assimilação do branco. Há um crescente investimento na história, na identidade e na compreensão integral da problemática negra. A história oficial, construída sob o ponto de vista do branco, é revisada. Palmares e Zumbi ganham, através do passado recuperado, centralidade nos discursos, nas práticas sociais, na leitura da historiografia brasileira e na estratégia política dos movimentos negros.

O processo de luta traçado pelos mantenedores dos CN passa, então, pela consciência do

racismo no Brasil com ênfase no modo pelo qual ele se define e funciona. A consciência do racismo à brasileira vai orientar as ações em cada um dos períodos. (ANTÔNIO, 2005, p. 19)

A produção de uma literatura afrocentrada permite, então, desconstruir o racismo a partir da voz do oprimido, desprezando o ponto de vista e a ideologia dominantes, sem essa ordem de interferências entre os produtores e os leitores; em outras palavras, se, para circular por meio de grandes editoras, voltadas para o lucro e a manutenção daquela organização social que deixava a população negra à margem, o autor devia “lapidar” seu discurso para que destoasse o mínimo possível do discurso vigente, o surgimento de *Cadernos Negros* permitiu que um maior número de autores negros problematizasse a situação do negro no Brasil, por meio do discurso daquele que era oprimido, eliminando o “filtro eurocêntrico”.

Além de eliminar este “filtro”, a iniciativa de *Cadernos Negros* foi de suma importância para o fortalecimento da literatura afro-brasileira, principalmente nos gêneros conto e poesia, contribuindo para a formação de um público leitor que, além de interagir com os autores, poderia também produzir obras. Abelardo Rodrigues, Abílio Ferreira, Ademiro Alves (Sacolinha), Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Henrique Cunha Jr., Lande Onawale, Lia Vieira (Elia Vieira), Miriam Alves, Paulo Colina (Paulo Eduardo de Oliveira), Ramatis Jacino e Waldemar Euzébio Pereira, são alguns dos importantes autores que publicaram individualmente após publicarem em antologias do coletivo *Cadernos Negros*.

A série literária foi um dos meios utilizados para inserir, de certa forma, tais autores nos meios editoriais, o que pode ter contribuído para que eles se arriscassem em publicações individuais, demonstrando a importância destes meios de resistência literária para a formação de uma geração de autores para além dos espaços coletivos.

## Considerações finais

No que diz respeito às produções culturais, mais especificamente produções literárias, os mecanismos utilizados para tentar abafar ou mesmo calar as vozes destes produtores foram múltiplos, indo desde as ações que dificultaram a criação de uma tradição textual escrita por autores negros, uma vez que não era reservado a eles o acesso à leitura ou à escrita e, conseqüentemente, à formação de um público leitor negro; passando pela “canonização” de uma literatura brasileira fundada a partir dos padrões etnocêntricos, excluindo elementos comuns a outras culturas formadoras da sociedade brasileira, como aquelas de origem africana; até a manutenção de “linhas editoriais” por parte das grandes editoras, que visam “filtrar” as produções editoriais e garantir uma hegemonia do discurso veiculado, reforçando o lugar de subalternidade imposto a alguns indivíduos.

Em contrapartida, diversos foram os mecanismos de resistência criados, para garantir, mesmo que ainda de forma tímida, uma multiplicidade de vozes, questionando os lugares impostos. Dentre elas, podemos destacar a criação de “quilombos editoriais” para absorver parte da produção afroliterária e, dessa forma, garantir a circulação de discursos avessos ao dominante, além de possibilitar a criação de uma teoria para analisar e balizar os valores literários afro-brasileiros.

Nas análises destes chamados quilombos editoriais, é possível perceber que seu lugar à margem do mercado editorial se dá por diversos fatores, como a oposição ao discurso dominante, que estereotipa e reforma o lugar social imposto ao negro brasileiro, e a preocupação em fazer conhecer o discurso afrocentrado pela população afro-brasileira, público-alvo dessa literatura, mediante a recepção e a circulação de uma literatura afro-brasileira, em detrimento ao lucro financeiro.

## Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor Luiz Henrique Silva de Oliveira pela dedicação e carinho, estando sempre disponível e disposto a estudar e questionar os lugares sociais preestabelecidos.

Agradeço aos Professores Doutores Paula Renata Melo Moreira e Luiz Henrique Silva de Oliveira, coordenadores do Grupo de Estudos sobre Produções Editoriais Luso-Afro-Brasileiras (PELAB) do CEFET-MG, bem como aos demais colegas integrantes do grupo, pelo apoio e discussões sempre ricas e valiosas, fundamentais para a elaboração deste trabalho.

---

## Referências bibliográficas

ANTÔNIO, Carlindo Fausto. *Cadernos Negros: esboço de análise*. Campinas: Unicamp, 2005. 262 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.

CUTI, Luis Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. Disponível em: [https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura\\_Afro-brasileira\\_EDUARDO.pdf](https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura_Afro-brasileira_EDUARDO.pdf). Acesso em: 02 jan. 2015.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.

JACINO, Ramatis. O escritor enquanto trabalhador intelectual. In: Xavier, Arnaldo; Cuti; Alves, Miriam (orgs.). *Criação Crioula, Nu Elefante Branco*. São Paulo: IMESP, 1986.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. in: *Etnográfica*, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354. Disponível em: [http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_04/N2/Vol\\_iv\\_N2\\_333-354.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf). Acesso em: 25 mar. 2016.

MAYA-MAYA, Estevão. Análises e reflexões críticas sobre a produção literária afro-brasileira dos anos 70. In: Xavier, Arnaldo; Cuti; Alves, Miriam (Org.). *Criação Crioula, Nu Elefante Branco*. São Paulo: IMESP, 1986, p. 107-112.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, São Paulo, nº 28, 1996, p. 56-63.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVEIRA, Oliveira. A produção literária negra (1975-1985). In: XAVIER, Arnaldo; CUTI; ALVES, Miriam (Org.). *Criação Crioula, Nu Elefante Branco*. São Paulo: IMESP, 1986, p. 87-88.

XAVIER, Arnaldo; Cuti; Alves, Miriam. Simplesmente histórico. In: Xavier, Arnaldo; Cuti; Alves, Miriam (Org.). *Criação Crioula, Nu Elefante Branco*. São Paulo: IMESP, 1986, p. 5-7.

## Notas

1 Dados disponíveis em *Imprensa Negra no Brasil do Século XIX*, de Ana Flávia Magalhães Pinto.

2 Informações disponíveis em: <http://www.cuti.com.br/#!artigocardemosnegros/c24ib>. Acesso em: 24 abr. 2016.